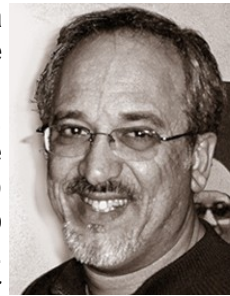


Entrevista Rubinho

Por Fernando Passarelli

Por dezessete anos Ruben Pirola, o Rubinho, foi professor da Faculdade de Artes Plásticas e de Arquitetura da Universidade Federal de Uberlândia. Deu aula de desenho, criação de forma, design e histórias em quadrinhos. Também estudou criação publicitária e cinema de animação. Com tanto talento, as ferramentas que usaria para semear a Palavra de Deus não poderiam ser outras senão os desenhos de humor. A projeção veio em 1995 quando o livro de cartuns “Café com Deus” venceu o Prêmio de Autor Revelação da Abec – Associação Brasileira de Escritores Cristãos. Em 2002 ele levou novamente o Prêmio Abec, na categoria Vida Cristã, por uma obra semelhante, “Guia de Sobrevivência do Cristão”. “Fiquei surpreso, mesmo crendo no poder do humor e do cartum, ainda mais porque se trata de uma honra dedicada a escritores e eu, o que menos fiz, foi escrever”. São de Rubinho também as publicações “Revolução” e “Afim da saudade”. É em Portugal onde vive hoje, no comando da Rádio Transmundial. A seguir, ele fala como agrada aos cristãos brasileiros fazendo humor do outro lado do oceano.



DEUS NO GIBI - Antes de publicar os livros, onde seus desenhos circulavam?

RUBINHO - Nas escolas onde passei, nos jornais de alunos e, posteriormente, em periódicos de igrejas como a Revista JUMOC, da Igreja Batista; as de jovens e crianças da Casa Editora Presbiteriana; a Revista ELO, onde também ilustrava e fiz um pioneiro trabalho nos encartes de histórias em quadrinhos; o jornal O Discípulo e a revista Ágape, da Comunidade da Graça. Uma grande escola na minha vida foi a vivência num grupo originalmente de música, a banda Sal da Terra, que mais tarde deu origem a uma denominação. A banda fazia música sacra de humor nos anos 80. Na igreja, editei por anos o nosso boletim, e ao perceber que as pessoas não liam os textos, voltei aos cartuns como forma de sintetizar e desenhar conteúdos. Através do humor, redescobri que podemos ser muito firmes, às vezes até duros, sendo leves.



DEUS NO GIBI - Qual a reação do público quando publicou seus desenhos?

RUBINHO - O meu primeiro trabalho foi o “Café com Deus”. Uma grata surpresa que mostrou que o mundo parece-se muito com os mineirinhos que pastoreei, pois foi uma extensão do que fazia nos boletins da igreja. Foi um tremendo sucesso em português que teve 11 reimpressões e duas nos Estados Unidos onde foi lançado em Espanhol. No total, foram 100 mil exemplares. Estou fazendo adaptações nele, enxugando algum “evangeliquês”, para torná-lo ainda mais palatável ao povo de fora, pois apesar de ser um devocional, com textos bíblicos, foi muito utilizado para alcançar pessoas para Cristo em grupos familiares, classes de discipulado e grupos de estudo em escolas e universidades. Pretendo relançá-lo, se não por uma editora que se interesse, pela internet, pelo sistema On Demand, impresso conforme pedidos.

DEUS NO GIBI - Que caminhos te levaram ao comando da Rádio Transmundial em Portugal?

RUBINHO - Fui ordenado, muito cedo, presbítero na Igreja Presbiteriana do Brasil e sempre encarei a função como ministério pastoral, apesar da tradição que vê os presbíteros como meros administradores e gestores de uma comunidade. Sendo assim, apliquei-me a estudar muito, a ler e posteriormente fazer um curso de teologia na nossa igreja em Uberlândia. Após isso, lecionei em escolas teológicas e de missões, no Brasil, Portugal e Reino Unido. Pelas mãos de Deus, e já por sete anos, venho me dedicando à Rádio Transmundial, a maior rede de rádio do planeta, para a glória de Deus. Uma organização que está presente em 160 países do mundo e transmite em 225 línguas e dialetos. A BBC, a segunda rede, o faz em 55 idiomas. Fui convidado a começar o trabalho em Portugal, onde existem 0,9% de evangélicos na população, redesenhando muitos dos seus programas para alcançar uma população pós-moderna,

secularizada e resistente ao evangelho. Hoje, integro uma "força tarefa" da rádio que opera no que eu chamo "a carne de pescoço" da Europa, a região mais desafiadora do continente mais desafiador do planeta, com cerca de 2,4% de cristãos bíblicos e onde 11 países têm cerca de 0,2% de crentes. Nesse ambiente, onde um dia ardeu não a reforma, mas a inquisição, trabalhamos para ajustar a mensagem de Deus às pessoas.

DEUS NO GIBI - Mesmo morando na Europa, os problemas da Igreja que você retrata são iguais aos do Brasil. É o humor que é universal ou é o cristianismo em crise global?

RUBINHO - O humor, apesar de alguns "temperos" diversos, é universal. Rir é uma característica e uma necessidade humana. Mas a crise do cristianismo é geral. Aqui na Europa, têm-se, a Norte, boa teologia, "know-how" missiológico, porém perdeu-se a paixão. Aqui embaixo as igrejas têm se mostrado inoperantes e a praga dos líderes mal preparados e narcisistas é a realidade. Comparando-se o continente ao Brasil, vejo que, apesar de toda a celebração de crescimento, a Europa já viveu esse filme. Se a nossa igreja não acordar e parar com essa babação em torno de líderes que têm tomado para si os louros que pertencem a Deus, e estes não se arrependem, então terão eles tomados o caminho que a igreja de Roma já percorreu e os resultados serão o mesmo que a Europa está colhendo - uma momidão, apatia, uma igreja cínica que vive para si mesma e já não crê, e a sociedade longe de ver Deus.



DEUS NO GIBI - Antigamente as pregações que assistíamos nos púlpitos eram sisudas, quase sem alegria. Hoje temos, às vezes, o outro extremo. Sobra superficialidade e falta falar do pecado e da salvação. Tem uma tira sua que fala exatamente disso, com o pastor abandonando o púlpito depois de pregar a cruz. Com o perdão da expressão, tem palhaçada demais?

RUBINHO - Muita. Às vezes contam-se piadas não para exemplificar-se alguma coisa, um conteúdo sério, mas só para divertir a platéia. Falta cruz, falta falarmos em morte, em sacrifício, sem os quais a mensagem da cruz não teria chegado até nós. Quem prega a cruz hoje não faz sucesso. O que enche igrejas hoje são as técnicas de oração, de louvação, para fazer Deus nos satisfazer os caprichos. Querem é que Deus abençoe os seus planos, mas não querem saber qual plano Deus tem para sua vida. Uso muitos recursos nas pregações. Muito cartum, charges, ilustrações, faço rir, mas não para divertir. Como já disse a Rê Bordosa, "filha" do impagável Angeli: "nasci para ser a doença, não para ser a cura". Eu mudava algo. Diria talvez que prego, e luto para fazê-lo, para dar dor de cabeça e não para anestesiá-la alma que quer fugir de Deus.

DEUS NO GIBI - Você lembra se existiam quadrinhos e livros de humor cristãos na sua infância?

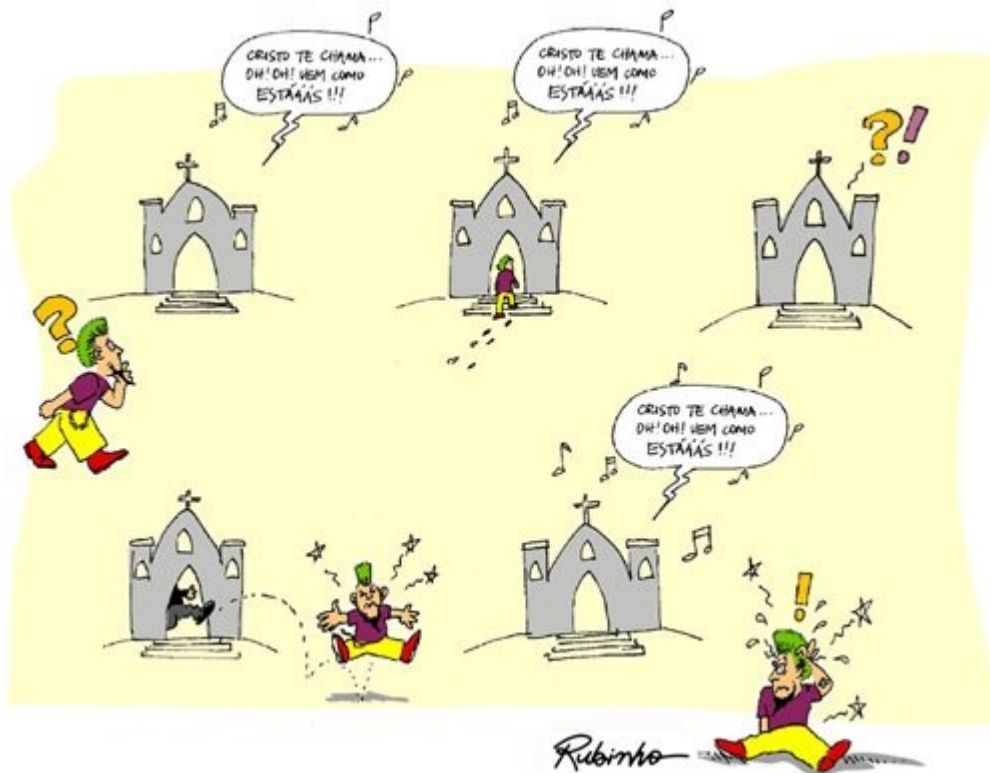
RUBINHO - Cresci com os gibis que o meu pai levava pra casa. E que, apesar dos meus primeiros meses de vida, ele usava como desculpa para comprar. Naquela época em que se dizia que os quadrinhos deformavam a moral, a inteligência e que não eram coisa de adulto, ele comprava e dizia ser para mim. Mas naquele tempo, tirando-se folhetos evangelísticos vindos de Portugal, não existia nada. Creio que o nosso Juvenal foi um dos primeiros trabalhos cristãos, editados na Revista ELO, produzidos por mim e um amigo que é pastor em Goiânia, o Paulo Junior.

DEUS NO GIBI - Que quadrinhos e livros de humor sugere para o público ler?

RUBINHO - Para quem quer começar nessa arte sugiro Mafalda, de Quino, a coisa mais próxima de uma boa pregação bíblica, no que diz respeito ao respeito pela vida humana e essa santa indignação que brota no coração de um crente ao ver os desvios da raça. Por outro lado, amo de paixão o Asterix, de Goscinny e Uderzo; passando pelo humor gostoso, tipo besteiro, desprezioso, do Fernando Gonzales (Níquel Náusea).

DEUS NO GIBI - Que super-poder faz falta hoje aos líderes religiosos?

RUBINHO - Sempre digo o seguinte: ainda não há poder maior que ser filho de Deus. Mas, parece que não basta pra os crentes. Enquanto Deus continua querendo que vejamos Jesus como o Filho do homem, modelo de humanidade, querem ser todos supers e anjos, santos, quase etéreos, a viverem no céu. Mas, para os líderes, desejava-lhes que bebessem, como o Asterix, que depende de uma poção mágica, um banho de humildade e de "semacol", para que não peguem a glória de Deus em benefício próprio. A glória somente é de Deus. E se é dEle, ninguém tem de ganhar com isso. Acho que já dava para se escrever uma outra história, não só no nosso país. Ser cristão e ser líder, é oferecer-se para que outros vivam, é viabilizar o ministério das ovelhas. É morrer para si mesmo. Hoje tive um insight: a luz, quando não vem do crente, que foi iluminado por Deus, vem dos holofotes. E essa, cega. Quem tem ouvidos para ver que veja.



Acompanhe o trabalho do Rubinho no <http://rubinhopirola.blogspot.com>



www.deusnogibi.com.br